

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

LARISSA PACIFICO

**POSSÍVEIS IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO
DO SELF, À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

BELO HORIZONTE
2021

LARISSA PACIFICO

**POSSÍVEIS IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO
DO SELF, À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Psicologia clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial.

Orientadora: Profª Saleth Salles Horta

BELO HORIZONTE
2021

150 P117p 2021	<p>Pacifico, Larissa.</p> <p>Possíveis impactos da inteligência artificial na formação do self, à luz da gestalt-terapia [recurso eletrônico] / Larissa Pacifico. - 2021.</p> <p>1 recurso online (28 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Saleth Salles Horta.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial da Universidade Federal de Minas Gerais.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Self (Psicologia). 2. Inteligência artificial. 3. Gestalt-terapia. I. Horta, Saleth Salles. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

POSSÍVEIS IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO DO SELF, À LUZ DA
GESTALT-TERAPIA

LARISSA PACIFICO

monografia defendida e aprovada, no dia **dezesseis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Saleth Salles Horta - Orientadora FAFICH/UFMG

Claudia Lins Cardoso FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 24 de abril de 2024.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues
Alves Evangelista Coordenador do
Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro**,
Chefe de seção, em 24/04/2024, às 09:46, conforme horário oficial de
Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de](#)

[novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues
Alves Evangelista, Coordenador(a)**, em 24/04/2024, às 11:38, conforme
horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543,
de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o
código verificador **3202631** e o código CRC **ECDBC714**.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar os impactos da Inteligência Artificial na formação de *self* a partir das ideias da Gestalt-terapia por uma revisão crítica e reflexiva da literatura disponível. Na era pós-moderna presenciamos o avanço exponencial da tecnologia e, por consequência, da internet na vida humana. A decorrer disto, tem-se visto cada vez mais o uso da internet em atividades rotineiras, das mais simples às mais complexas. Neste trabalho veremos que ao utilizar os recursos disponíveis no ciberespaço, os usuários acabam por deixar, involuntariamente, alguns rastros de informações pessoais sobre preferências e comportamentos, sendo esses os dados trabalhados por meio da Inteligência Artificial (IA), uma ferramenta tecnológica que atua na personalização dos conteúdos que serão exibidos para cada pessoa. Será apresentado que a internet tem afastado os sujeitos de seu *ser* autêntico, através da abertura às possibilidades de perspectivas de mundos não reais e a IA, por meio da “personalização”, suscita desejos e necessidades nas pessoas mesmo sem elas tomarem consciência disso, além de diminuir a autodeterminação pessoal pela promoção de escolhas não autênticas. O fechamento deste estudo conclui que na pós-modernidade a influência da Inteligência Artificial reduz as possibilidades de vir a ser dos indivíduos. Assim, em virtude da perda de referências autênticas, o *self* se mantém em constante atualização pelos conflitos figura-fundo, levando o indivíduo a um afastamento do seu projeto existencial.

Palavras-chave: *self*. Inteligência Artificial. Gestalt-terapia. autenticidade.

ABSTRACT

The present work aims to explore the impacts of Artificial Intelligence in the formation of self from the ideas of Gestalt-therapy through a critical and reflective review of the available literature. In the postmodern era we witness the exponential advance of technology and, consequently, of the internet in human life. As a result of this, the use of the internet has been increasingly seen in routine activities, from the simplest to the most complex. In this work we will see that when using resources available in cyberspace, users end up unwittingly leaving some traces of personal information about preferences and behaviors, and this data is worked through Artificial Intelligence (AI), a technological tool that works in the customization of the content that will be displayed to each person. It will be presented that the internet has distanced people from their authentic being by opening up the possibility of perspectives of unreal worlds and AI, through "personalization", raises desires and needs in people even without them being aware of it, beyond of diminishing personal self-determination by promoting inauthentic choices. The conclusion of this work is that in post-modernity the influence of Artificial Intelligence reduces the individual possibilities of becoming. Due to the loss of authentic references, the self is constantly updated by figure-ground conflicts, leading the individual to a distance from his existential project.

Keywords: *self*. Artificial Intelligence. Gestalt-therapy. authenticity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 APRESENTANDO CONCEITOS	08
2.1 Self	08
2.2 Personalidade	11
2.3 Ciberespaço	11
2.4 Inteligência Artificial	12
3 A INFLUÊNCIA DA INTERNET NO AFASTAMENTO DO SER AUTÊNTICO	15
4 O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO DO SELF	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

O século XXI é palco para uma das grandes revoluções da modernidade. A Quarta revolução industrial, como tem sido chamada, é baseada na tecnologia da troca de dados: Inteligência Artificial, *Machine Learning* e Internet das Coisas são algumas das tecnologias que facilitaram o crescimento exponencial da internet na vida humana. Esse modo de viver, nunca antes experienciado, é conhecido como mundo pós-moderno.

O presente trabalho visa trazer reflexões sobre os impactos dessa nova era na formação de *self*, pautadas na teoria da Gestalt-terapia - que se fundamenta filosoficamente nas teorias Fenomenológica, Existencial e Humanista - por meio de uma análise crítica e compreensiva da bibliografia disponível. Tendo em vista que a internet modificou as formas dos indivíduos se relacionarem com o mundo, é interessante realizar estudos que podem trazer contribuições para se tentar entender o quanto ela vem modificando a forma de relação das pessoas consigo mesmas, transformando o seu modo de ser no mundo sem que tenham consciência disso.

Os autores Doneda, Mendes, Souza e Andrade (2018) já levantaram o questionamento sobre a mudança na subjetividade das pessoas que pode estar acontecendo por meio da tecnologia. Essas transformações decorreram do avanço desta e da Inteligência Artificial e possuem efeitos que não são absolutos, que os fazem mais difíceis de serem compreendidos.

Para ajudar nessa compreensão, no segundo capítulo desta monografia será feita uma contextualização dos temas importantes que serão trabalhados ao longo do texto. Começando pela apresentação sobre as teorias que sustentam a abordagem da Gestalt-terapia, seguindo para o conceito de *Self*, passando por Personalidade e Ciberespaço, até chegar em Inteligência Artificial.

Dentro do terceiro capítulo será abordado como a internet tem afastado os sujeitos de seu *self* autêntico, através da abertura às possibilidades de perspectivas de mundos não reais e a criação de alternativas onde as pessoas podem ser até mesmo um personagem, tem afastado os sujeitos do seu *self* autêntico. As escolhas inautênticas feitas pelos indivíduos conduzem a esse afastamento, que corrobora para uma perda do sentido da vida, levando ao adoecimento existencial.

A continuação da discussão se dá no quarto capítulo, em que será aprofundado as noções do que a Inteligência Artificial pode fazer a partir do cruzamento de dados

personais coletados nas redes. Entre essas possibilidades está a da “personalização” dos conteúdos exibidos para cada usuário - que leva a perda do acesso democrático à informação, gerando uma bolha cultural. Um dos riscos dessa “personalização” é suscitar desejos e necessidades nas pessoas, mesmo sem elas tomarem consciência disso, e ocasionar a diminuição da autodeterminação pessoal. Após essa discussão será levantado como todos esses fatores influenciam na formação do *self*.

Por último, teremos a apresentação das considerações finais onde será feita a amarração das análises críticas desenvolvidas ao longo dos capítulos e como elas nos levam a entender quais são os possíveis impactos na formação do *self* em decorrência da influência da Inteligência Artificial na sociedade líquida em que vivemos.

2 APRESENTANDO CONCEITOS

Como primeiro passo para o estudo a ser apresentado neste trabalho, será feita uma explicação de conceitos, sendo estes necessários para compreender a interlocução realizada nos capítulos finais. Assim, serão quatro os princípios a serem trabalhados neste capítulo, o de *self*, o de Personalidade, de ciberespaço e o da Inteligência Artificial.

2.1 *Self*

Para apresentar o conceito de *self* a partir de uma visão da Gestalt-terapia é preciso entender um pouco mais sobre os fundamentos aos quais essa abordagem se baseia. A Gestalt-terapia, que possibilita uma análise holística do ser humano, é fundamentada filosófica e antropologicamente nas teorias da Fenomenologia, do Existencialismo e do Humanismo.

A Fenomenologia pode ser entendida como o “estudo dos fenômenos” - o que é dado à consciência. A ideia de consciência de Husserl, como retomada por Rehfeld (2013), é vista como “síntese em fluxo, é dinâmica e não tem substancialidade” (REHFELD, 2013, p. 32). O estudo dos fenômenos ocorre a partir do retorno às coisas mesmas, o fenômeno por sua essência, em uma atitude pré-reflexiva. Essa teoria confronta o naturalismo, que como explicado por Rehfeld (2013) perde o homem ao estudar apenas os fatos sobre os fatos.

O Existencialismo contribui para a Gestalt-terapia com a sua visão de homem, é uma teoria que trabalha a “existência humana em sua concepção individual e particular, tendo por objetivo compreender o homem como ser concreto nas suas circunstâncias e no seu viver, conforme se mostra na sua realidade” (CARDOSO, 2013, p.60). Cardoso (2013) retoma uma síntese da visão de homem proposta por Sartre (2012) como um ser “livre e responsável por sua própria existência” (CARDOSO, 2013, p.60), é no sentido existencial que a Gestalt-terapia leva as pessoas a ampliarem sua “consciência de si no mundo” na intenção de empoderá-las a fazerem escolhas autênticas e coerentes com seu projeto existencial.

O terceiro pilar da abordagem apresentada é o da teoria Humanista. Esta teoria tem por base a sua visão holística do homem como um ser de potencialidades. Mendonça (2013) aponta que na perspectiva humanista é preciso “entender o homem

como um ser inteiro”, “que existe na pessoa um potencial que ultrapassa sua existência presente” e que o ser humano é “capaz de encontrar por si mesmo a melhor alternativa para suas dificuldades” (MENDONÇA, 2013, p. 80). A Gestalt-terapia atrelada ao Humanismo vê o homem como “capaz de se autogerir e de se autorregular” (MENDONÇA, 2013, p. 80).

Um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia é o conceito de contato. Este se caracteriza por toda experiência que se dá na fronteira de contato (onde ocorre o encontro) entre o organismo e o meio em que ocupa, é toda a troca com o ambiente que promove mudança, contato é uma construção contínua que acontece no aqui-e-agora. Um outro conceito fundamental é o de figura/fundo que pode ser facilmente interpretado pensando em figura como sendo o foco do sujeito e fundo aquilo que compõe a figura e ajuda a dar sentido a ela.

O entendimento do que é o conceito de contato e figura/fundo é fundamental para o entendimento de *self* que não é fácil de ser explicado, pois, de acordo com as ideias de Távora (2009), não se define como algo estático, é necessário de uma circularidade tamanha para abranger sua complexidade. Nesse sentido, podemos começar definindo *self* como um “sistema complexo de contatos necessários ao ajustamento no campo imbricado” (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN 1997, p.179), é um processo contínuo em que a integração do *self* ao campo não é ociosa, trata-se de uma cadeia de ajustamentos criativos realizados proporcionalmente às situações em que aparecem mais conflito entre figura/fundo.

Ainda seguindo o pensamento de conceituação de *self* como algo não estático, Perls, Hefferline e Goodman (1997) o definem como “espontâneo” e “engajado na situação”, ou seja, se apresenta em novas possibilidades estando em constante ajustamento, sendo assim não é possível definir *self* como sinônimo de um “eu”. Em seu texto, Távora (2014), descreve que a partir desta perspectiva *self* é visto como um processo ativo e permanente de dar sentido a si.

À vista disso, *self* só pode ser definido enquanto integrado à experiência, se origina no contato. Dessa forma, esse conceito vê a assimilação do contato com o ambiente como a sua finalidade e, portanto, ele é tido como um processo básico para a experiência, é o *self* que inclui nos processos de subjetivação a percepção do mundo. É responsável por formar figuras e fundos a partir das relações que ocorrem na fronteira de contato.

Os autores Perls, Hefferline e Goodman (1997) descrevem *self* como: “a função de contatar o presente transiente concreto” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 177), o “sistema complexo de contatos necessários ao ajustamento no campo imbricado” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 179) e “processo de figura-fundo em situações de contato” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.180). Ao falar sobre a função *self* a colocam como “processo figura-fundo nos contatos-fronteira no campo organismo/ambiente” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 190).

Sendo dependente da compreensão das circunstâncias - internas e externas - que permeiam *self* o entendimento de que este se atualiza e emerge no processo de contato, que é único em cada relação para cada indivíduo “pela qual acontece um intrincado e complexo processo de negociação com empréstimos, heranças, apropriações entre *self* e ambiente, *self* e outro” (Távora, 2014, p. 75). E, junto, atualiza os processos de subjetivação, uma vez que o conflito e a contradição entre figura/fundo é a condição para o desenvolvimento dessa subjetividade. Portanto, *self* é “a própria emergência da subjetividade ou do sujeito como a ele é dado aparecer na superfície de contato” (Távora, 2014, p. 86).

Nessa perspectiva, o conceito de *Self* conta com três funções estruturantes: o Ego, o Id e a Personalidade. Perls, Hefferline e Goodman (1997) as descrevem como:

(...) etapas principais de ajustamos criativo: o Id é o fundo determinado que se dissolve em suas possibilidades, incluindo as excitações orgânicas e as situações passadas inacabadas que se tornam conscientes, o ambiente percebido de maneira vaga e os sentimentos incipientes que conectam o organismo e ambiente. O Ego é a identificação progressiva com as possibilidades e a alienação destas, a limitação e a intensificação do contato em andamento, incluindo o comportamento motor, a agressão, a orientação e a manipulação. A Personalidade é a figura criada na qual o *self* se transforma e assimila ao organismo, unindo-a com os resultados de um crescimento anterior (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 184).

Em casos não muito complexos, não há necessidade de diferenciar as estruturas, uma vez que elas são o próprio processo de figura-fundo (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). Essas funções são indissociáveis e em algumas fases da experiência pode-se perceber a predominância de uma em relação a outra. Assim, para finalidade deste trabalho, vamos explorar um pouco mais a fundo apenas o princípio da Personalidade.

2.2 Personalidade

A função Personalidade é a verbalização do *self*, é o que é usado como explicação das atitudes e comportamentos, aquilo que é condensado como sendo o “quem somos”. Ela é conhecida por ser a única que se pode reconhecer devido a sua transparência à consciência, sendo responsável pela estrutura de *awareness*. A Personalidade é resultado do contato social criativo, a partir do qual há identificação de grupos e moralidade, é onde se pode ver o *self* “tornando parte do Tu no qual se desenvolveu” (Perls, Hefferline e Goodman, 1997).

Assim, o indivíduo cria assimilações de comportamentos baseados na concepção de moral construída em decorrência das relações de contato. Um tipo de assimilação possível seria a baseada na lealdade com os grupos de identificação, onde se adotam determinadas ações por fazerem parte da expectativa social do grupo que, por consequência, passou a ser uma expectativa da nossa própria personalidade formada. Isso cria espaço para uma espécie de lealdade (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). Como apontado por Perls, Hefferline e Goodman (1997), quando há conflitos representativos entre a concepção de moral construída e novas informações, o indivíduo poderá optar por desistir da lealdade anteriormente construída e ir em busca de uma nova, usando o conflito como oportunidade de reconhecer novos aliados que representam nossas novas necessidades. Os autores resumem esse processo como:

(...) a maneira antiga, o que é sensato ou o que é costumeiro, não satisfaz em absoluto a função criativa, e de preferência temos de fazer isto. Semelhante avaliação é plena de interesse e constrangedora; vai além do que ‘desejamos’ de acordo com nossa personalidade consumada. É figura emergente, e na sua emergência temos de nos arriscar e ser absurdos ou solitários (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 229).

Nesse sentido, Personalidade então é uma função do *self*, enquanto o *self* é, por resumo, um processo abrangente e permanente de adaptação criativa no campo, é aquilo que pertence de forma transitória e/ou aquilo que retorna, de modo reflexivo e recursivo, ao sujeito (Perls, Hefferline e Goodman, 1980) (apud Távora, 2014). Lembrando que as três funções de *self* andam juntas, por elas que é possível ler a experiência em um campo, e que na maioria das vezes não é possível fazer uma distinção entre elas.

2.3 Ciberespaço

Ciberespaço é um conceito que vem sendo utilizado para descrever um meio criado pela virtualização da vida na sociedade contemporânea. Este meio não conta com delimitações territoriais, existe em um plano diferente do que estamos acostumados. Ele é um universo virtual onde os meios de comunicação previamente conhecidos coexistem e, ainda, integra todas as mídias anteriores a ele. De acordo com as ideias de Monteiro (2007) "O ciberespaço pode ser concebido, também, como um novo mundo, um novo espaço de significações, um novo meio de interação, comunicação e de vida em sociedade" (MONTEIRO, 2007, p. 6).

Lévy (2001) nos lembra que com essa junção de mídias - que foram criadas para criar e reproduzir significados - coexistindo, o ciberespaço deixa de ser um meio e passa a ser um metameio, um modo de unificação de todas as mídias. Coloca ainda que "o principal significado do ciberespaço é a interconexão geral de tudo em tempo real, a concretização do espaço virtual onde as formas culturais e linguísticas estão vivas" (LÉVY, 2001, p. 65).

Sobre o ciberespaço, Monteiro (2007) conclui que:

O ciberespaço é um ambiente que nos permite inúmeras possibilidades de mundo "real". É um universo virtual, plástico, fluido, carregado de devires. O ciberespaço, enfim, é uma grande máquina abstrata, porque semiótica, mas também social, onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e, sobretudo, novos agenciamentos cognitivos (MONTEIRO, 2007, p. 1).

Portanto, tem-se que o ciberespaço é um lugar caracterizado como um não lugar, que compreende noções de cultura, sociedade e organização. Nos dias atuais, é um meio que atravessa os indivíduos mesmo sem ter a total consciência do quanto, permitindo novas configurações de contato que não eram conhecidas em gerações passadas.

2.4 Inteligência Artificial

O avanço tecnológico exponencial vem criando ferramentas cada vez mais complexas que estão presentes no nosso dia a dia, uma delas é a Inteligência Artificial - também conhecida como IA. Essa tecnologia se apresenta nas sugestões de filmes

e séries dos serviços de *streaming*, nos assistentes virtuais de voz, nos chats de atendimento, previsão de acidentes naturais, resultados eleitorais e até mesmo no corretor ortográfico dos celulares. Várias teorias corroboram para o entendimento desta como uma inteligência “robótica” similar à inteligência humana.

Madeira, Neves e Branco (2020) citam a definição apresentada em uma conferência seminal de Dartmouth (1956), nos Estados Unidos, a respeito da Inteligência Artificial onde a apresentaram como aspectos da aprendizagem humana, ou qualquer outra característica que possamos atribuir à inteligência, onde uma máquina pode simulá-la se for precisamente descrita.

A literatura ainda não encontrou um consenso exato sobre o conceito de IA por se tratar de algo muito complexo. Lopes (2017) compõe em suas palavras que Inteligência Artificial trata-se “da tentativa de reprodução, em sistemas artificiais, da cognição humana e seus mais variados componentes, como o aprendizado, a memória e o processo de tomada de decisões” (LOPES, 2017, p. 7).

Nos dias atuais, pautados pela sociedade do consumo, a Inteligência Artificial tem sido amplamente utilizada nas estratégias de Marketing Digital para ampliação de vendas. Através de processos complementares dessa tecnologia baseados em algoritmos, como o *Machine Learning*, sua presença tem surtido um efeito grandioso nas estratégias de Mercado, o que levou a ser estudado seus impactos nas pessoas.

Pelo alcance das mídias sociais e a imensa quantidade de dados que os usuários deixam no ciberespaço, conscientemente e inconscientemente, durante navegações na Internet, a Inteligência Artificial utiliza dados pessoais para prever comportamentos de consumidores (Madeira, Neves e Branco, 2020). Esses dados são obtidos através da utilização dos indivíduos aos recursos disponíveis no ciberespaço “obtendo, assim, um perfil com as preferências do usuário por meio das curtidas, compartilhamentos e buscas nos portais de comunicação” (Franke, Pereira, Galvão, Fedalto, Koehler, Copetti e Reske, 2021, p. 420). E inclusive utilizam dos dados para entender “o momento perfeito para exibir uma campanha de marketing digital, enviar um e-mail marketing ou uma notificação com promoção” (MADEIRA; NEVES; BRANCO, 2020, p. 108). Tudo voltado para o maior aproveitamento das ações de consumo do sujeito, assim como o seu tempo on-line, que sofre incentivos estratégicos para ser cada vez maior.

Com uma tecnologia que é “capaz de identificar padrões e simular nossas capacidades de aprendizado e decisão” (MADEIRA; NEVES; BRANCO, 2020, p. 98),

temos uma ferramenta perigosa para os usuários dos meios virtuais. Os autores Madeira, Neves e Branco (2020) apontam que quando as predições realizadas pela IA são eficazes é criado um cenário complexo para introduzir nas pessoas necessidades pessoais até mesmo desconhecidas pelo sujeito.

Segundo Britz (2008) (apud Doneda, Mendes, Souza e Andrade, 2018), um possível engano de interpretação dos algoritmos que influenciam o resultado da Inteligência Artificial poderia afetar “a forma como o indivíduo se percebe como também o modo como a sociedade o enxerga e o avalia, afetando a sua integridade moral e a sua personalidade”. Doneda, Mendes, Souza e Andrade (2018) ainda colocam que:

(...) tecnologias, como a inteligência artificial, a robótica e a biotecnologia, não só afetam - inibindo ou induzindo - comportamentos individuais e sociais, como também têm o potencial de alterar intrinsecamente os próprios indivíduos e a sociedade. Na fase de criação, essas tecnologias são desenvolvidas com valores específicos incorporados e, quando implementadas e adotadas, elas carregam esses valores, moldando e mudando indivíduos, comunidades e sociedades em conformidade (DONEDA, MENDES, SOUZA E ANDRADE, 2018, p. 10).

Logo, com o crescente espaço que a Inteligência Artificial tem ganhado na atualidade, surgem dúvidas sobre o quanto nossas decisões estão sendo influenciadas, o quanto estamos perdendo a noção real das nossas escolhas, qual o impacto da inteligência artificial na formação do *self*?

3 A INFLUÊNCIA DA INTERNET NO AFASTAMENTO DO SER AUTÊNTICO

Como apresentado anteriormente, *self* é constituído a partir de uma sequência de ajustamentos criativos originados do contato, ele está em constante atualização e quanto maior o conflito experienciado entre figura-fundo, mais o *self* precisa se atualizar. Nos casos onde há conflitos, é necessário romper com a fidelidade das questões morais e com os grupos antes construídos, e assim abrir espaço para o novo. Porém, como fica essa atualização e constituição de *self* quando as pessoas estão em contato frequente com informações que mudam o tempo todo?

Rosa e Santos (2015) apontam em direção à manipulação feita pelos usuários de redes sociais para mostrarem-se como pessoas detentoras de características, bens e experiências socialmente almejados, criando uma estetização do Eu ali representado. Essa estetização interfere nos padrões de escolha e consumo que passam a corresponder ao que acreditam ser o correto, ao invés do que realmente pensam. Ferreira-Lemos (2011) (apud Rosa e Santos 2015) já trazia a reflexão de que essa alienação de si mesmo, criada pelas pessoas nas redes, pode acarretar em uma confusão do que é fantasia e do que é real, gerando repercussão na subjetividade.

Nessa perspectiva, Giddens (2002) (apud Rosa e Santos, 2015) apontaram sobre o sentimento de rompimento sobre a perspectiva do sujeito do que ele é e do que deseja ser como consequência negativa dos possíveis impactos na subjetividade dos indivíduos desse processo de criação de uma falsa identidade no ciberespaço. Uma outra consequência possível seria a do:

(...) sentimento de despedaçamento, pois a possibilidade de sentir-se fragmentado existe devido ao resultado de múltiplas representações e de múltiplos contatos com diversos universos subjetivos que independem dos critérios de tempo e de espaço e das tradições que geram sentidos para as identidades dos indivíduos (GIDDENS apud ROSA E SANTOS, 2015, p. 923).

Como apresentado, o indivíduo sofre na construção de sua identidade por estar exposto à múltiplas possibilidades de ser e é endossado a acatar aquela que aparenta ser a socialmente ou culturalmente mais aceitável dentro do grupo ao qual pertence.

O ciberespaço faz com que os usuários tenham uma sensação de controlar o que acontece ali e a maneira que se apresentam. Contudo, como na vida fora da internet não há esse controle, eles passam a ter medo de não serem compreendidos por serem quem realmente são e “apesar de preferirem a interação virtual por estarem

no controle, os usuários acabam perdendo o controle de si mesmos” (Fortim e Araújo, 2013, p. 306). Dessa forma, já não sabem mais distinguir com clareza o que faz parte do real e do não-real. Como apontado por Brasil e Belmino (2019), essa abertura a infinitas possibilidades que permeiam a vida no ciberespaço, a função Ego é aquela que podemos ver mais intensificada nesse processo, uma vez que ela ser um campo do desejo.

A percepção do real pode variar muito entre as gerações, porém o mundo virtual trouxe ainda mais distorção da realidade. E, de acordo com Karnal (2018), além da falsa sensação de autonomia que se cria quando é interceptado um convite de amizade em uma rede social, uma mensagem ou uma notícia, a virtualidade permite que se produza uma fantasia completa ao deixar criar um perfil falso que esteja de acordo com todos os desejos.

O que se pode dizer é que nos dias atuais o referencial que se tem sobre a vida não é mais interno e pessoal, ele está fora das pessoas e em contínua mudança, próprio da sociedade atual. O que se busca como referencial de vida, a direção a ser seguida, está confuso (Giovanetti, 2019). Pelos artifícios que temos on-line sobre quais conteúdos consumir, quais pessoas seguir e sites de notícias a ler é criada uma falsa sensação de que os usuários estão no controle.

Esta sensação corrobora com a ideia de “sermos pessoas únicas e capazes de gerir a superabundância de busca do sentido da vida” (Bauman e Leoncini, 2018, p. 65). Seguindo esse pensamento, Giovanetti (2017) aponta que essa capacidade de buscar o sentido da vida “é o que nos faz diferente dos outros seres”, pois ninguém vive sem ter um sentido. O autor descreve ainda que se uma pessoa não der um sentido à sua própria vida, os outros instituirão para ela este sentido. E, pensando que a sociedade pós-moderna é pautada no “ter” e não no “ser”, pode-se dizer que a internet desempenha um papel importante com sua capacidade de “gerar um obscurecimento do ser, um apagamento da nossa maneira original de ser, um afastamento do que é mais próprio da pessoa” (Giovanetti, 2019, p. 57) e que tem sido cada vez mais marcante com a Inteligência Artificial e sua “previsão” das necessidades.

Em seus estudos, a pesquisadora Cláudia Lins Cardoso (2013) relembra os modos de ser no mundo propostos pelo filósofo Heidegger, na sua obra *Ser e tempo* (1927), que são: projeto, lançado e decaído. No modo projeto de ser no mundo, o indivíduo “é capaz de fazer escolhas coerentes com sua perspectiva” (CARDOSO,

2013, p. 69), as possibilidades se mostram numa condição de autenticidade. Já como lançado, temos as possibilidades que não foram escolhidas, aquelas em que nascemos inseridos. Por fim, o modo decaído, revela-se em um “estado de existência inautêntica, caracterizado pela banalidade do cotidiano e pela superficialidade” (CARDOSO, 2013, p. 70).

Logo, com todas as influências que a internet desempenha na vida humana, é visto que há um afastamento do nosso modo de ser projeto, um eu autêntico, para celebração de um eu inautêntico, provocado pelas influências da Inteligência Artificial e construído em favor da agradabilidade social. Perls (1988) (apud Cardoso, 2013, p.70) já apontava essa inautenticidade como as “situações nas quais a pessoa se conecta com outras referências distintas das suas próprias e age como se fosse a expressão mais autêntica de si” (CARDOSO, 2013, p. 70), o sentido da vida se perde, pois ela já não consegue cumprir com as necessidades mais básicas do seu ser.

4 O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO DO SELF

Com o aparecimento da Inteligência Artificial, os meios de comunicação on-line apresentam para os usuários uma versão mais “personalizada” das informações fornecidas para cada um. Isso faz com que não se tenha mais um espaço onde é concedido conhecimento de forma democrática - como antes acreditava-se ser uma das grandes conquistas da internet. Graças a essa “personalização” de conteúdos as pessoas são expostas cada vez mais a elementos que possuam ligação com algo que elas tenham previamente mostrado interesse dentro das redes, levando a uma bolha de informação quase impenetrável, o que torna o acesso a novas referências cada vez mais polarizado. Bauman e Leoncini (2018) escrevem sobre isso:

(...) a difusão das notícias e dos vídeos em tempo real, e portanto aquele que podemos chamar de ‘vida do espectador adormecido’, é certamente apoiada sobre sólidas bases democráticas, mas a organização de nossa esfera pessoal na web, ou seja, a do espectador ‘ativo’, que se refere à relação, à abertura ou ao fechamento perante os outros, não é nem de longe construída de modo democrático (BAUMAN E LEONCINI, 2018, p. 64).

Sobre o tema voltado à democracia dos assuntos na web, Karnal (2018, p. 58) resume que “o algoritmo pode facilitar a vida, mas também impede os usuários da web de usufruí-la indiscriminadamente”. É criada uma ilusão de liberdade sobre o conteúdo consumido que na verdade foi exibido a partir de rastros deixados. O que se pode inferir é que os usuários são expostos às opiniões iguais as suas, não tendo contato com visões diferentes eles acabam vivendo nas chamadas “bolhas culturais” - um isolamento conectado. No entanto, aqui há um problema, pois “Ser contrariado, questionado, posto em suspeição, rejeitado, desde que não sejam as únicas experiências que conheça, criam resiliência, moldam personalidade, caráter” (Karnal, 2018, p. 61). Então, como ficaria a construção do que conhecemos e temos acesso de *self*, a Personalidade?

Brasil e Belmino (2019) a partir de seus estudos concluíram que ao olhar para essa nova experiência de interação entre sujeitos e ambiente e como se dão os processos de contato, deve-se olhar também para um novo modo de configuração política e cultural do *self*, mais precisamente da fração concebida pela função Personalidade. Pois o modo como as pessoas se percebem é amplamente impactado

por essa nova configuração. Até mesmo porque a construção do que se é passa pelo entendimento daquilo que não é.

Bauman e Leoncini (2018), comentam que a possibilidade de bloquear o aparecimento de informações que não se deseja ou de ignorar “convites” de outras pessoas para entrar na sua rede social permite um “esplêndido isolamento” que é inconcebível no mundo fora das telas, fazendo com que a web tenha facilitado o afastamento, separação, isolamento e conflitos ao invés de “servir à causa de ampliar a quantidade e melhorar a qualidade da integração humana, da compreensão, da cooperação e da solidariedade recíprocas” (BAUMAN E LEONCINI, 2018, p. 70). E com a chegada da Inteligência Artificial esse isolamento se consolidou ainda mais, uma vez que mesmo sem ter existido a escolha de quais conteúdos aparecerão, o cruzamento de dados faz isso automaticamente. O contato continua ocorrendo, porém sem qualidade, o que pode prejudicar a *awerness* dos indivíduos sobre sua subjetividade.

Uma questão importante a ser levantada é que o contato social criativo faz parte da “formação da personalidade: as identificações de grupo e as atitudes retóricas e morais viáveis, onde o *self* parece ter-se tornado parte do Tu no qual se desenvolveu” (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 227). Ou seja, através da exposição dos seres humanos às perspectivas que não as próprias, é consolidada a noção de personalidade, visto que ocorre o afastamento ou identificação com novos grupos e atitudes morais. Dito isso, como fica a percepção da Personalidade, o reconhecimento daquilo que somos, em um mundo onde o contato social é limitado a conteúdos definidos por uma tecnologia? Qual será esse Tu pelo qual o *self* passará por modificações?

Já é conhecido o impacto negativo na subjetivação das pessoas que são atores ativos na manipulação das informações mostradas na internet para aparecerem como aquilo que é socialmente desejável. Mas qual seria o efeito inverso o da manipulação de dados pela tecnologia nas pessoas que, nesse caso, ocupariam um papel passivo?

A Gestalt-terapia deve permanecer como instrumento teórico para investigação desse contexto, o olhar cuidadoso voltado para o todo dos seres humanos e acreditando em suas potencialidades se encaixa na ideia de compreender a formação dessas “gestalts contemporâneas” a partir da Inteligência Artificial no ciberespaço (Brasil e Belmino, 2019).

As novas gerações criadas na era da técnica são expostas desde muito cedo a uma vasta possibilidade de meios de comunicação, onde a informação circula de forma livre e praticamente instantânea. É sabido que a Inteligência Artificial tem feito um papel importante dentro do ciberespaço, ela é a responsável pela “personalização” das informações que aparecem para cada usuário baseado no seu histórico nas redes. Essa “personalização” está, inclusive, nas propagandas geradas pelo marketing digital. No entanto, o que ainda não sabemos é o quanto essas sugestões e propagandas incitam nos indivíduos um desejo, uma escolha ou um conflito que nem ele mesmo tenha conhecimento. Madeira, Neves e Branco (2020), apontam que:

(...) o problema da Inteligência Artificial aplicada ao Marketing Digital, uma vez que o marketing se utiliza de artifícios que induzem ao usuário-consumidor ter necessidades que nem ele sabe que tem e que o desejo para o atendimento das mesmas necessidades é feita de forma manipuladora, podemos crer que *com o uso de poderosos algoritmos baseados na IA podem criar condições excepcionais de manipulação das vontades dos consumidores*, baseados da imensa base de dados adquirida pelos chatbots, somando-se a isso a utilização do neuromarketing, programação neurolinguística e na famigerada obsolescência programada. *Para uma sociedade baseada no consumo, onde se vale o que se tem, é muito perigoso uma entidade de IA ser detentora de tanta informação sobre as vulnerabilidades do usuário-consumidor.* (grifos da autora) (MADEIRA, NEVES E BRANCO, 2020, p. 108).

Esse mundo criado é sedutor e faz com que as pessoas se sintam cada vez mais inseguras com a realidade, uma vez que na internet podem ser o que quiserem, sem correspondência necessária ao real (Rosa e Santos, 2015). Karnal (2018) aponta que com essas inseguranças sobre a realidade aparece um comportamento de isolamento ambíguo, as pessoas querem ter uma “sociabilidade controlada”. Em que se pode iniciar e terminar o contato com autonomia, controlar o ato de estar só ou acompanhado. Nesse contexto, os *smartphones* ocupam o papel de “muleta suprema que criamos para ter o suficiente isolamento do mundo aliado ao contato com quem e quando desejamos” (KARNAL, 2018, p. 54).

Essa insegurança sobre a vida fora das telas perpassa as relações e contatos experienciados, o que pode levar os indivíduos a serem mais propensos a aceitar, sem pensar muito, as sugestões e *inputs* de desejo e necessidades gerados pela IA. Esses aceites podem guiar a um conflito figura/fundo que leva a atualização do *self* a partir de um processo artificial e forçado de contato, onde o indivíduo é exposto ao que o algoritmo sugere, deixando de lado as escolhas naturais e autênticas que

poderiam ser feitas no mundo off-line. Pode-se ainda levantar a possibilidade do indivíduo ter sua *awerness* prejudicada por essa sequência de contatos não saudáveis, em que não foi lhe concedido tempo suficiente para assimilar as novas informações e decidir o que incorporaria ao plano de fundo da sua vida e o que traria como foco.

Como descrito por Franke, Pereira, Galvão, Fedalto, Koehler, Copetti e Reske (2021), o ser humano passou a ser visto como uma mercadoria a ser anunciada em decorrência do avanço da tecnologia na era pós-moderna. Em virtude da coleta de dados pessoais feita em todos os ambientes do ciberespaço, junto ao cruzamento das informações do mercado atual, chega-se a um resultado que tem por objetivo influenciar as pessoas que acessam as mídias online a sentir a necessidade de possuir itens ou serviços, o que as deixam manipuláveis e dependentes daquilo que é ofertado. Essa exposição constante na web a qual as pessoas estão submetidas, as encaixam em padrões de consumo que desconsideram suas individualidades, interferindo na subjetividade dos seres, como apresentado no capítulo anterior.

Corroborando com a ideia apresentada, Yang (2018) (apud Doneda, Mendes, Souza e Andrade, 2018, p. 12) aponta que a Inteligência Artificial “pode corroer a autodeterminação pessoal, pois pode induzir a mudanças não planejadas e indesejadas nos comportamentos humanos para acomodar rotinas que facilitam a automação e a vida das pessoas”. Em outras palavras, a Inteligência Artificial pode dilacerar o entendimento do que se é por promover mudanças indesejadas, corrompendo a noção de Personalidade que temos de *self*.

O documentário chamado “O dilema das redes” (2020), da plataforma Netflix, dirigido por Jeff Orlowski, conta sobre o que está por trás das telas, trazendo grandes nomes do Vale do Silício para compor as questões sobre os problemas éticos envolvidos em um ambiente onde há um cruzamento desenfreado de dados. Este cruzamento coloca os usuários como moeda de troca, onde “quanto mais ele é influenciado, mais dependente se torna, ficando, assim, mais manipulável” (Franke, Pereira, Galvão, Fedalto, Koehler, Copetti e Reske, 2021).

Logo no começo da obra é colocado que o produto das redes sociais é a “gradual, sutil e imperceptível mudança de comportamento e percepção”, que modifica “o que fazemos, o que pensamos e quem somos”. Nesse sentido, estamos falando de um mercado que negocia o futuro humano.

O documentário explicita, por meio da narrativa dramática inserida, o processo de desconexão que o personagem Ben atravessa ao ficar imerso no universo do ciberespaço. De uma forma bem figurativa é criado um “modelo” on-line de Ben, em que se pode prever as suas ações nas redes, com base naquilo que é mostrado. É possível fazer um paralelo com um boneco de vodu, onde cada ação - bem pensada e calculada - realizada com o boneco provoca uma reação específica no indivíduo. Essa manipulação de dados levou o personagem a modificar sua personalidade ao ponto de se identificar com grupos extremistas e adotar comportamentos próprios desses grupos que não eram esperados dele, antes de ser submetido às mais diversas sugestões dos algoritmos. Ben, a partir das sugestões apresentadas, segue um *script* que não o pertence, como se fosse algo autêntico de suas escolhas, mas na verdade isso o afasta das suas próprias referências de ser.

Um outro ponto levantado a partir do documentário diz respeito ao perigo que a aceitação do nosso ser autêntico corre nesse mundo virtual. Tristan Harris, especialista em ética na tecnologia e cofundador do *Center for Humane Technology*, expõe a problemática de que os seres humanos evoluíram para se importarem com o que outras pessoas do círculo próximo - suas “tribos” - pensam sobre eles, porque isso apoia uma questão existencial e de sobrevivência importante. Porém, não evoluíram o suficiente para lidar com o que 10 mil pessoas diferentes pensam sobre eles, nem para receber aprovações sociais tão instantâneas e viver esse tipo de experiência.

Sobre essa experiência dos usuários lidarem com aprovações de milhares de pessoas, podemos citar Távora (2014), onde escreve que “o processo de desenvolvimento se estende de uma capacidade relacional menos diferenciada (correspondente a uma percepção self-centrada) em direção a uma competência para o contato com o outro”, ou seja, temos o nosso *self* autêntico como referência no momento de contato com outras pessoas, meios e objetos. Távora (2004, 2009a) (apud Távora, 2014) ainda coloca que:

Self se atualiza e atualiza os processos de subjetivação por meio dessa característica circular, pela qual acontece um intrincado e complexo processo de negociação com empréstimos, heranças, apropriações entre self e ambiente, self e outro. Até porque tanto as necessidades quanto suas possibilidades de satisfação só têm sentido no processo de interação; de modo que o conflito e a contradição entre homem e natureza, pessoa e mundo, sujeito e objeto são a própria condição de desenvolvimento da vida psíquica. Essa é a razão subjacente ao uso da noção fenomenológica de

intencionalidade em Gestalt-terapia, que implica a criação contínua de significado e realidade, de si e do mundo, englobando a força contextual - aquela que provém do contexto - e a força implicativa - aquela que parte do sujeito para o contexto. (TÁVORA, 2004, 2009a) (apud TÁVORA, 2014, p. 75).

Em um mundo onde a relação com o outro é instantânea, acontece de formas múltiplas e com noções de tempo e espaço diminuídas, os indivíduos se veem diante de conflitos a todo momento. O processo de desenvolvimento do *self* acaba sendo prejudicado, pois não se pode contar com o processo regular de atualização deste por já estar em mudança novamente, e assim sua referência fica perdida em meio a tantos conflitos. A criação de significados de si e do mundo sofre mais da força contextual do que da força implicativa.

Isso poderia ajudar no desafio da alteridade devido às grandes diferenças que os indivíduos são expostos, mas não é bem o que acontece. Karnal (2018) explica que com os recursos presentes no ciberespaço, com um simples clique as pessoas tornam-se “juiz, júri e advogado”, têm o poder de deletar, apagar e demorar as respostas. Elas possuem um domínio tão grande da comunicação que não se demoram na resolução de algum conflito.

Nessa perspectiva, os seres humanos acabam se perdendo em meio a tantos estímulos, gerando uma dificuldade existencial acerca de quem são e passam por conflitos que se desdobram na Personalidade. À vista disso, não é de se estranhar que um dos maiores problemas presenciados nos consultórios hoje seja sobre a crise existencial (Giovanetti, 2019), o conhecimento de quem se é, a perda de conhecimento da própria Personalidade, o modo inautêntico de *self*.

Logo, uma das alternativas para entrar em contato com o referencial autêntico, para lidar com as questões existenciais, seria buscar recolhimento, fugindo das ações externas e olhando para dentro de si. Porém, mesmo quando sozinhos, não há isolamento. O *pop-up* contínuo de informações providas pela web coloca os indivíduos em um estado constante de contato com o mundo, não abrindo espaço para esse olhar interno - a não ser que haja um esforço por parte dos indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de *self* é espontânea e circular, depende de suas relações, do contato do sujeito com o outro, com o meio, com objetos etc. *Self* é concebido como um processo, no qual está em constante atualização dado pelas experiências vividas através do contato entre o sujeito e seu ambiente. A fração que conhecemos de *self* é a Personalidade, moldada a partir do contato social criativo (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). No ciberespaço encontramos um não lugar, resultado da virtualização do mundo, repleto de interações e possibilidades. Neste mundo virtualizado, pautado pela sociedade do consumo, a Inteligência Artificial vira protagonista estando presente em todas as interações que acontecem dentro das telas.

Com o meu trabalho como Recursos Humanos dentro de empresas de tecnologia há mais de três anos, tenho visto a rapidez com que novas tecnologias são criadas e se atualizam, os profissionais da área aprendem o trabalho no dia a dia - uma vez que os cursos de ensino superior não conseguem acompanhar a velocidade das novidades. Visto todas as mudanças recorrentes, pouco se fala dentro dos ambientes corporativos sobre as preocupações que esse avanço tecnológico pode causar na vida humana, não há tempo para se preocupar com questões relacionadas a ética se a empresa quer estar à frente das novidades. A ideia difundida é a de que as coisas precisam ser feitas e as preocupações ficariam para depois, porém esse depois não chega.

A preocupação levantada nesse estudo é justamente essa, qual o impacto que o avanço dessas tecnologias e em especial a Inteligência Artificial teria na concepção dos indivíduos de quem eles são, na construção de sua identidade. Em outras palavras, o quão prejudicado fica o processo de formação de *self*.

Em suas reflexões, os autores Bauman e Leoncini (2018) explicitaram que a web é “o não lugar mais moderno e líquido por excelência” (p. 60) e que “a modernidade líquida modificou completamente nossos esquemas psicológicos” (p. 62), certamente eles não estavam errados. Com a análise descritiva sobre o entrelaçamento dos assuntos abordados neste trabalho, é possível concluir que a intermitência do ciberespaço atrelada aos *inputs* feitos pela Inteligência Artificial modificou o modo como os seres se reconhecem.

A potencialidade do que o indivíduo pode vir a ser é reduzida às possibilidades que são fortemente influenciadas pelos contatos realizados no ciberespaço. Contatos estes quase sempre inacabados pela efemeridade das relações. Isso gera perturbações na função personalidade do *self* que fazem com que os indivíduos tenham mais dificuldade em se reconhecerem, uma vez que não possuem uma autoimagem consolidada.

As pessoas são expostas a constantes situações de conflitos figura-fundo que as coloca em um processo contínuo de atualização de *self*, como, por exemplo, temos a alta exposição a vivências diferentes dentro das redes sociais que favorecem ao sujeito a experiência de fazer contato com inúmeras possibilidades em um curto período, não dando ao organismo um tempo saudável de assimilar as experiências e ser suporte para o entendimento do que seria figura nos contextos que está inserido. E essa falta de estabilidade na construção de sua identidade também provoca interferências na função personalidade.

Essa atualização é pautada numa perda de referência do modo de ser autêntico, que resulta em um afastamento da resolução do sentido da vida, uma vez que já não fazem escolhas coerentes com sua perspectiva de ser no mundo. Dito isso, podemos entender como a formação de *self*, proposta pela Gestalt-terapia, sofre o impacto dessa modernidade líquida e virtual, pois permanece na inconstância, na incerteza e na inautenticidade.

A Gestalt-terapia pode seguir sendo utilizada como instrumento teórico e metodológico para estudar esse cenário onde a vida humana é amplamente impactada pelas tecnologias, uma vez que é uma abordagem que olha o homem como relação, entendendo que cada pessoa terá uma experiência única com esses novos contextos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. 1 edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BRASIL, Rodrigo Pinto; BELMINO, Marcus César de Borba. Contato, virtualidade e ciberespaço: uma reflexão à luz da Gestalt-terapia. **Diálogos - Centro de Desenvolvimento de Pessoas e Psicologia Clínica**. v. 16 n. 31. Páginas 140 – 337. 2019.
- CARDOSO, Cláudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-Terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. - (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).
- DONEDA, Danilo Cesar Maganhoto; MENDES, Laura Schertel; SOUZA, Carlos Affonso Pereira de; ANDRADE, Norberto Nuno Gomes de. **Considerações iniciais sobre inteligência artificial, ética e autonomia pessoal**. Pensar, Fortaleza, v. 23, n. 4, p. 1-17, out./dez. 2018.
- FORTIM, Ivelise; ARAUJO, Ceres Alves de. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 33, n. 85, p. 292-311, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- FRANKE, A. L.; PEREIRA, B. A.; GALVÃO, G.; FEDALTO, H.; KOEHLER, M. V.; COPETTI, P.; RESKE, R. H. Felicidade comprada: uma análise dos reflexos da LGPD na comercialização da felicidade dentro das redes sociais. **Revista de Direito da FAE**, v. 3, n. 1, p. 418 - 436, 24 jun. 2021.
- GIOVANETTI, José Paulo. O adoecimento existencial no século XXI. In: CARDOSO, C. L.; GIOVANETTI, J. P. (orgs) **Sofrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019. (Coleção fenomenologia e psicologia clínica).
- GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia Fenomenológico-existencial: Fundamentos filosófico-antropológicos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Via Verita Editora, 2017.
- KARNAL, Leandro. **O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- LÉVY, Pierre. (2001) O que é o virtual. São Paulo: Ed. 34. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. (2000). **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. (1) 59 Recuperado de <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2000.13.3081>.
- LOPES, Giovana Figueiredo Peluso. **Inteligência artificial e pessoalidade**. Orientador: prof dr. Denis Franco Silva. TCC (Graduação) – Curdo de Direito,

Faculdade de Direito, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
Disponível em:

http://www.repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/6558/1/giovanafigueiredopeluso_lopes.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

MADEIRA, Afonso Celso Magalhães; NEVES, Barbara Coelho; BRANCO, Daniel de Jesus B.C. O Uso da Inteligência Artificial Aplicada ao Marketing Digital: exploração das vulnerabilidades do usuário-consumidor. **Journal of Digital Media & Interaction**. Vol.3, No.8, pp.95-111, 2020.

MENDONÇA, Marisete Malaguth. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-Terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **Revista Data Grama Zero**, v. 8, n. 3, 2007.

O DILEMA das Redes. Direção de Jeff Orlowski. Roteiro: Davis Coombe; Vickie Curtis; Jeff Orlowski. Produtora: Netflix. 2020.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia** - tradução Fernando Rosa Ribeiro. São Paulo: Summus, 1997.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-Terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

ROSA, Gabriel Artur Marra e; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 913-927, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jul. 2021.

TÁVORA, Cláudia Baptista. Self e suas funções. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. - (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

TÁVORA, Cláudia Baptista. Três ensaios sobre o self: intencionalidade, crise e mudança. In: Pinto, E. B. (org.) **Gestalt-terapia: encontros**. São Paulo: Instituto Gestalt de São Paulo, 2009.